

SIMBOLISMOS EM TORNO DE PROTAGONISMO ESTUDANTIL CONFORME GESTORES ESCOLARES

SYMBOLISMS AROUND STUDENT PROTAGONISM ACCORDING TO SCHOOL MANAGERS

Laeda Bezerra Machado

Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, PE, Brasil
Doutora em Educação. E-mail: laeda01@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9524-0319>

Ana Laura Guedes Silva França

Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, PE, Brasil
Graduanda em Pedagogia. E-mail: analaura.franca@ufpe.br
<https://orcid.org/0000-0001-8945-2182>

Submissão: 28-04-2024

Aceite: 05-06-2024

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar os elementos marcantes das representações sociais de protagonismo estudantil entre gestores de escolas de ensino médio. Representações sociais são construções cognitivas, afetivas e simbólicas dos sujeitos geradas em situações de interação social. Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, delineada como estudo de campo que contou com a participação de 10 gestores que atuam em variadas escolas de ensino médio, situadas em Recife. Investigamos o protagonismo estudantil entre este grupo profissional utilizando a técnica de entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados com apoio da técnica de análise de conteúdo e os resultados evidenciam como elementos marcantes das representações sociais de protagonismo estudantil dos gestores escolares: autonomia, liderança, iniciativa e participação dos estudantes. É nítida a relação que esses profissionais estabelecem entre protagonismo estudantil e as políticas educacionais que regulam o ensino médio no estado, pois mesmo com algumas referências aos termos transformação e participação, prevalece a ênfase no sujeito individual. O envolvimento e a preocupação com o coletivo estão afastados dessa simbologia.

Palavras-chave: Protagonismo estudantil. Gestores escolares. Representações sociais.

Abstract: This article aims to identify the striking elements of social representations of student protagonism among high school managers. Social representations are cognitive, affective and symbolic constructions of subjects generated in situations of social interaction. We developed a qualitative research, designed as a field study that included the participation of 10 managers who work in various high schools, located in Recife. We investigated student protagonism among this professional group using the semi-structured interview technique. The data were analyzed with the support of the content analysis technique and



the results highlight the following striking elements of the social representations of student protagonism by school managers: autonomy, leadership, initiative and student participation. The relationship that these professionals establish between student protagonism and the educational policies that regulate secondary education in the state is clear, because even with some references to the terms transformation and participation, the emphasis on the individual subject prevails. Involvement and concern for the collective are far from this symbolism.

Keywords: Student protagonism. School managers. Social representations.

Introdução

Este artigo resulta de uma pesquisa mais abrangente e tem objetivo identificar os elementos marcantes das representações sociais de protagonismo estudantil entre gestores de escolas de ensino médio. Salientamos a importância do papel do gestor escolar para que a formação pedagógica e política dos estudantes no âmbito geral da escola.

O interesse para investigar o protagonismo estudantil decorre de experiência das autoras em escolas públicas. Durante o desenvolvimento de uma pesquisa anterior¹, na passagem por instituições de ensino médio e em escuta aos gestores e alunos nos chamou atenção o uso corrente do termo “protagonista” como mais apropriado a uns poucos do que a todos os estudantes matriculados nessas instituições. Percebemos que, no contexto das escolas técnicas e de referência, o protagonismo do aluno implica principalmente em estímulo à iniciativa, elevação da autoestima, liderança e responsabilidade de alguns desses estudantes.

Esses discursos em torno de protagonismo estudantil comuns nas escolas nos chamaram atenção, pois se coaduna com a reflexão de Souza (2008 p.10) quando afirma que nas últimas décadas, “o discurso atual prescreve à juventude uma ‘nova forma’ de política, que ocorre mediante a atividade/atuação individual e que contribui para a integração dos jovens”, ou seja, o discurso vem adquirindo um tom individualizante e de menor valorização do coletivo. Assim, para Souza, o protagonismo estudantil, desloca-se das conhecidas possibilidades de transformação social, por meio de organizações coletivas, para um ativismo individual. É esse discurso acerca de protagonismo estudantil, que tem suas bases nas políticas educacionais e circula nas escolas de ensino médio, que abordamos neste texto.

No âmbito do estado de Pernambuco o ensino médio é orientado pelo Programa Educação Integral (PEI), instituído pela Lei complementar nº 125, de 10 de julho de 2008. Essa política, articulada à política nacional de ensino médio, fundamenta-se na concepção de educação interdimensional, que tem o protagonismo estudantil como estratégia imprescindível para a formação do jovem autônomo, competente, solidário e produtivo. Tal política tem como principal finalidade desenvolver as ações em escolas de educação integral, de modo a favorecer o processo de aprendizagem e enriquecimento cultural. (Pernambuco, 2008). Conforme Dutra (2014) a política estadual tem como uma das metas, a ampliação de matrículas no ensino médio de tempo integral, possibilitando a universalização do acesso aos jovens em idade escolar a uma educação de qualidade. Para isto propõe um reordenamento da Rede Estadual, criando as

1 Olhares psicossociais sobre a prática pedagógica na escola de ensino médio/ CNPq – nº 309687/2020-9

Escolas de Referência em Ensino Médio Integral e as Escolas Técnicas Estaduais, exclusivas de Ensino Médio (Dutra, 2014). A referida política estadual estima que, ao concluir o ensino médio nessas escolas, o jovem esteja qualificado para dar continuidade a vida acadêmica ou a formação profissional para o mundo do trabalho.

Nas políticas nacionais de ensino médio mais recentes, hoje em discussão, esse tom individualizante de protagonismo dos jovens se evidencia. Por exemplo, na Lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017) e Base Nacional Comum Curricular – BNCC Ensino Médio (BRASIL, 2018), a articulação entre projeto de vida e educação integral sugere uma combinação entre competências cognitivas e socioemocionais e, nesse documento, o protagonismo estudantil consiste em delegar aos jovens a responsabilidade pelo seu processo formativo, o que reposiciona os processos de seleção dos conhecimentos escolares. Tanto a Reforma do Ensino Médio (2017) como a BNCC (2018) estão centradas na definição e organização de itinerários formativos. De acordo com a BNCC “essa nova estrutura valoriza o protagonismo estudantil, uma vez que prevê a oferta de variados itinerários formativos para atender à multiplicidade de interesses dos estudantes: o aprofundamento acadêmico e a formação técnica profissional” (Brasil, 2018, p. 467).

A concepção de protagonismo corrente nas escolas em que desenvolvemos nossa última pesquisa nos chama atenção, pois possui um tom individualizante, de não valorização do coletivo.

Protagonismo Estudantil e Representações sociais

Para conhecer a produção científica acerca protagonismo estudantil fizemos um levantamento bibliográfico preliminar em periódicos da área de ciências humanas (qualis A e B) utilizando o descritor “protagonismo juvenil”. Nessa busca localizamos 15 artigos sobre a temática. São textos publicados entre os anos de 2009 a 2023. No conjunto dessa produção, encontramos um estudo conceitual sobre protagonismo nas políticas educacionais e 14 trabalhos que destacam o protagonismo estudantil como participação de estudantes em grêmios escolares.

Sobre o protagonismo estudantil nas políticas educacionais o estudo de Silva (2023) faz uma análise conceitual. Conforme o autor, esse conceito se distancia das possibilidades de transformação social, que caracterizaram suas origens no século XX e enfatiza “imperativo da autenticidade”, pois posiciona os estudantes como “eternos colecionadores de experiências originais em um contexto cada vez mais padronizador e pouco afeito a diferenças e a singularidades” (Silva, 2023 p. 1).

Os demais trabalhos, em número de 14, analisam o protagonismo estudantil como participação política dos estudantes em processo de formação nas escolas. Nesse conjunto destacamos os trabalhos desenvolvidos por: Gonzalez e Moura (2009), Martins e Dayrell (2013), Moura (2013), Silva e Zuin (2015), Bulhões et al (2018), Oliveira e Borges (2018), Volkweiss et al (2019), Silva e Santos (2019), Zanbon e Santos (2019), Soares e Balieiro Júnior (2020), Santos e Cervi (2020), Anjos et al (2020), Boutin (2021) e Oliveira, Luis e Siva (2022).

O estudo desenvolvido Gonzalez e Moura (2009) analisa o grêmio estudantil, no âmbito da rede estadual de ensino de Sorocaba (SP) a fim de compreender seu papel no protagonismo dos jovens nas escolas. Constata que as relações e mediações entre o protagonismo e grêmio estudantil contribuem para perpetuar processos de controle e subordinação ao trabalho.

Por meio de um estudo de caso, Martins e Dayrell (2013), analisaram a participação de jovens no espaço educativo através do grêmio estudantil de uma escola pública de ensino médio noturno. A pesquisa revelou que o grêmio estudantil é um importante espaço de socialização dos jovens alunos, pois fortalece a aprendizagem da vivência coletiva, os modos lidar com os conflitos e as escolhas desse grupo.

A pesquisa desenvolvida por Moura (2013) procurou conhecer e analisar a dimensão política de práticas de um grêmio estudantil. A autora constata o envolvimento no grêmio como uma espécie de jogo político de dois segmentos em disputa (grêmio e escola) por espaços em um território comum (o colégio). O estudo indica que nesse jogo político, os estudantes buscavam transformar seu cotidiano educacional, utilizando negociação e barganha na disputa por espaços de atuação e maior liberdade de ação na escola. Esses comportamentos são reconhecidos como práticas de forte dimensão política e formativa dos estudantes.

Um estudo sobre protagonismo juvenil, emancipação e resistência foi realizado por Silva e Zuin (2015). O trabalho destaca a experiência de formação de grêmios estudantis desenvolvida em escolas públicas na Região de São Carlos-SP e problematiza essa realidade a partir dos conceitos de emancipação e resistência de T. W. Adorno. Conforme os resultados, a formação de grêmios estudantis constitui um relevante espaço para manifestação das intervenções dos estudantes. O estudo confirma que, com a formação dos grêmios é possível falar em participação e resistência à apatia que por vezes prevalecem em muitas escolas brasileiras.

A análise dos resultados de um projeto de extensão intitulado “Formação de grêmios estudantis em escolas públicas municipais de Bauru”, desenvolvida por Bulhões et al (2018), revelou uma diversidade de desafios, a saber: resistência das instituições em abrir espaços de expressão e participação ativa dos estudantes, limites das escolas no que se refere a legitimidade democrática e exercício dos grêmios estudantis.

Os grêmios estudantis, do Colégio Pedro II - campis Centro, Tijuca e Humaitá - como espaços políticos, foram analisados por Oliveira e Borges (2018). A pesquisa mostrou que nos grêmios investigados os estudantes têm oportunidade de participar de ideias coletivas, liderança, articulação de pensamento crítico, tais práticas contribuem para democratizar a gestão das escolas.

Investigação desenvolvida por Volkweiss et. al (2019), com professores de educação básica e estudantes, analisou as dificuldades para se promover o protagonismo estudantil na escola. Os grupos investigados indicaram as dificuldades vivenciadas e propuseram soluções para esses espaços. Os achados mostraram que os estudantes se tornam protagonistas de sua aprendizagem, por meio da escolha de estratégias específicas, contextualização de conteúdos e estabelecimento de vínculos com os professores. Segundo os autores, o protagonismo estudantil é concretizado por meio de uma prática reflexiva que valorize o potencial do estudante.

Silva e Santos (2019) analisaram a concepção de gestores escolares e integrantes do grêmio estudantil sobre a sua importância e os trabalhos que desenvolvem em uma escola estadual de Alagoas. Os resultados da investigação mostraram que o grêmio estudantil atua de forma articulada com a direção da escola na busca de construção de uma gestão democrática e participativa. No entanto, alguns limites foram relatados como a prática da participação ativa, corresponsabilidade no desenvolvimento de atividades e conscientização dos direitos e deveres dos estudantes.

O grêmio e suas relações com a democratização da gestão em escolas do Espírito Santo foi objeto da pesquisa realizada por Zanbon e Santos (2019). A análise de documentos, como atas de reuniões, revelou que o modo como a gestão democrática tem sido implementado nos sistemas de ensino brasileiros, sob a égide do neoliberalismo, prejudica o funcionamento dos grêmios estudantis, sobretudo, os interesses e demandas dos discentes nas escolas.

Soares e Balieiro Júnior (2020) investigaram como os grêmios conseguem mobilizar os estudantes não membros a participarem das tomadas de decisão. Os achados da pesquisa indicam que os grêmios analisados, são organizações culturais com baixa capacidade de mobilização, essas entidades possuem fraca participação nas tomadas de decisões nas escolas.

Com base em Foucault e Deleuze, Santos e Cervi (2020) problematizam a atuação do grêmio estudantil numa escola situada em Santa Catarina. Os resultados da pesquisa indicaram que o grêmio estudantil opera como máquina abstrata de rostidades. Por rostidade compreendemos a adesão às normas instituídas. O estudo identifica um binarismo em relação à participação. Segundo os autores, os estudantes cujas características se reportaram à rostidade participativa são aceitos como membros oficiais, os demais estudantes são marcados como os fora da norma.

O protagonismo juvenil e participação escolar: sob o olhar dos estudantes foi objeto do estudo desenvolvido por Anjos et. al. (2020). Os autores analisaram como estudantes compreendem o protagonismo juvenil e suas relações com a formação integral no contexto das Escolas de Referências em Ensino Médio situadas em Petrolina-PE. Os resultados da pesquisa apontaram variadas experiências nesses espaços escolares com ênfase no projeto de vida dos alunos como pilar das escolas de tempo integral que visam preparar o jovem para o exercício da cidadania.

Boutin (2021) fez um levantamento bibliográfico sobre a dimensão política dos grêmios estudantis presentes em artigos produzidos pelos professores do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná (PDE/PR). A pesquisa, fundamentada no materialismo histórico dialético, revela que a produção científica dos professores desse Programa contempla os grêmios como espaços políticos de formação, no entanto poucos estudos aprofundam esse caráter. Assim, a autora ressalta a necessidade dos docentes desenvolverem ações que favoreçam os interesses coletivos dos estudantes nas escolas.

Por fim, Oliveira, Luis e Silva (2022) estudaram, na perspectiva de estudantes e de gestores de escolas situadas em São Paulo, as consequências das ações de dinamização das agremiações no que se refere ao incentivo da participação política, protagonismo juvenil e processo de democratização da gestão escolar. Os achados da pesquisa indicaram que, embora o trabalho desenvolvido tenha permitido diferentes tipos de participação nas escolas, o protagonismo juvenil como ações e decisões coletivas e democráticas nas escolas ainda é limitado.

Conforme apresentamos, nesse levantamento, os estudos sobre protagonismo estudantil se voltam principalmente para fazer indicações ou caracterizações acerca da participação dos estudantes em agremiações estudantis, não localizamos artigos que focalizassem protagonismo estudantil a partir das representações sociais. Assim, neste artigo nos apoiamos na Teoria das Representações Sociais (TRS), para indicar os elementos representacionais de protagonismo estudantil entre gestores escolares.

Representações sociais são explicações que se originam no cotidiano e no curso de comunicações interindividuais. Por conseguinte, constituem uma versão contemporânea do senso comum, um saber prático elaborado e partilhado pelos sujeitos no grupo social, que orienta suas interpretações do mundo. Criamos representações sociais na tentativa de explicar a realidade, pois somos convocados a nos posicionar, tomar parte nas conversas e fazer intervenções. Assim, formulamos teorias do senso comum, que não são meras opiniões.

A partir do conceito de representações sociais, em estudo sobre a psicanálise, S. Moscovici, nos anos 1960, desenvolveu a Teoria das Representações Sociais (TRS). A teoria ganhou repercussão nos anos 1980, ampliou-se e hoje são identificadas quatro abordagens de estudos no seu interior: a abordagem culturalista, de viés antropológico e fiel ao estudo original de Moscovici; a abordagem societal, que investiga as condições de produção e influência dos grupos sociais na construção das representações sociais; a abordagem estrutural que enfoca a formação cognitiva e estrutural de uma representação e, uma quarta vertente, a epistemologia dialógica das representações sociais, que valoriza os processos linguísticos envolvidos elaboração de representações sociais.

Representações sociais são explicações que se originam no cotidiano, no curso de comunicações interindividuais, uma versão contemporânea do senso comum, como um saber prático elaborado e partilhado pelos sujeitos no grupo social, que orienta suas interpretações do mundo. Criamos representações sociais na tentativa de explicar a realidade, pois somos convocados a nos posicionar, tomar parte nas conversas etc. Assim, formulamos teorias do senso comum, que não são meras opiniões. As representações sociais são um conhecimento prático que têm como objetivo transformar o estranho em familiar, e essa familiarização se faz mediante dois processos objetivação e ancoragem. Esses processos se baseiam na memória, em informações e conhecimentos acumulados (Jodelet, 2001).

Dado o seu potencial de valorização do simbólico, a TRS nos permite captar as representações sociais de protagonismo estudantil entre gestores de escolas públicas.

Metodologia

Para concretização do objetivo proposto realizamos um estudo de campo com gestores de escolas de ensino médio da Rede Estadual de Ensino, situadas em Recife. Participaram da pesquisa 10 (dez) gestores escolares que atenderam ao critério: atuar em escolas dos seguintes tipos: Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) ou Escola Técnica (ETE).

Esse grupo, quanto ao gênero, é composto por sete gestores e três gestoras; a faixa de idade dos participantes varia de 38 a 62 anos de idade; todos eles são licenciados e apenas uma não concluiu um curso de especialização na área educacional. Desses gestores, quatro ingressaram na função por seleção e eleição e os demais por meio de indicação. Os participantes acumulam em média 3,5 anos de exercício na gestão dessas escolas.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista funciona como uma conversa orientada com os participantes oferece liberdade de fala ao sujeito e permite obter as informações requeridas para se compreender o objeto. Recorremos a esta técnica, considerando que nas conversações são veiculados valores que permitem ao

pesquisador maior aproximação das construções simbólicas ou representações sociais (Moscovici, 2003). Durante a entrevista, além dos significados de protagonismo estudantil e contribuição da escola para incentivá-lo, pedimos que os sujeitos indicassem três palavras que sugerissem alguma simbologia associada ao protagonismo estudantil, após indicarem as três palavras, os sujeitos selecionavam a mais importante e justificavam a escolha. Trata-se de um recurso metodológico inspirado na técnica de associação livre de palavras amplamente utilizada em estudos que adotam a TRS.

Atendendo aos procedimentos éticos, os gestores assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e as entrevistas, com a devida anuência dos participantes, foram gravadas e duraram em torno de 15 minutos.

Resultados e discussão

O material coletado com as entrevistas foi lido e organizado, apoiando-se na análise de conteúdo, proposta por Bardin (2007), essa técnica permite a organização em categorias que sintetizam os depoimentos. Assim, das entrevistas com os gestores emergiram duas categorias: a) Origens do discurso circulante sobre protagonismo e b) Simbolismos que envolvem o protagonismo estudantil.

a) Origens do discurso circulante sobre protagonismo entre gestores

A análise dos depoimentos dos gestores acerca das origens, ou sobre de quando começaram a ouvir falar de protagonismo estudantil revela estreita vinculação dos discursos às políticas de ensino médio implementadas no estado de Pernambuco no final da primeira década dos anos 2000.

Quando se referem a protagonismo os gestores imediatamente o associam à implantação do Programa de Educação Integral. Dos 10 participantes, seis destacaram o tempo em anos em que escutam o termo e sua difusão entre os profissionais que passaram a trabalhar com a educação de tempo integral. Eles falaram: “[...] eu escuto esse termo há pelo menos uns 13 anos, acho que ele começou a ser muito difundido na rede da educação a partir do modelo da educação integral em Pernambuco. Acho que desde 2008, quando ele...se expandiu, se tornou um termo muito recorrente” (G-1/ ETE)²; “desde que eu entrei na escola e estava iniciando o Programa de Educação Integral, por volta de 2009, 2010.” (G-5/ EREFEM). Confirmamos entre a maioria dos entrevistados que o termo ganhou destaque com a implementação da política de educação integral que sugere uma associação direta entre essa política e o protagonismo estudantil.

Outros três sujeitos, que têm menos tempo de atuação em escolas estaduais, informam que o termo protagonismo circula na rede desde o início de sua atuação nas escolas. Eles comentam: “[...] desde que entrei no estado, em 2017, porque eu já comecei na escola integral e faz parte da estrutura da escola integral prezar pelo protagonismo juvenil.” (G-1/ EREM); “[...] antes daqui, eu passei cinco anos como educadora de apoio de uma ETE, e já fui gestora de outra

2 Codificação utilizada para preservar a identidade dos participantes: G abreviatura de gestor seguida da sigla referente ao tipo de escola em que atua.

escola. Então, quando eu entrei na escola técnica a gente começa a se envolver muito mais com o protagonismo” (G-6/ EREM).

Tendo em vista os depoimentos dos gestores que associam o protagonismo estudantil ao PEI, autores como Dutra (2014), Cunha e Araújo (2021) ressaltam o PEI em Pernambuco como uma iniciativa que reestruturou o ensino médio, principalmente, a expansão da matrícula na modalidade integral. Baseado no princípio da educação interdimensional, O Programa está fundamentado em quatro pilares da educação: promoção da autonomia dos estudantes; preparação dos jovens para a vida, o trabalho e a participação na esfera pública e estímulo à construção do projeto de vida. O PEI enfatiza uma formação completa, que vai além do aspecto acadêmico que valoriza o desenvolvimento pessoal e a formação cidadã. A participação ativa dos estudantes em órgãos colegiados, a construção do projeto de vida e o estímulo ao protagonismo juvenil são os pilares que dão sustentação ao Programa nas escolas.

Para Moscovici (1978, p. 26), as representações sociais constituem “[...] uma modalidade de conhecimento particular que têm por função a elaboração de comportamentos e de comunicação entre indivíduos”. Elas não são construídas no vazio, mas no contexto ativo do sujeito. Domingos Sobrinho (2000, p. 119) confirma “[...] a construção das representações não se dá num vazio social. Elas são construídas por sujeitos que ocupam uma determinada posição no espaço social.” No âmbito desta pesquisa os depoimentos dos participantes evidenciam que o conceito de protagonismo estudantil foi sendo incorporado em diferentes momentos de suas vidas profissional e pessoal. As ações do PEI foram cruciais para a incorporação desse conceito às práticas desses profissionais.

Assim, depreendemos que são os referentes das políticas educacionais, as formações que receberam e as práticas nas escolas estaduais que fomentam e situam historicamente as representações sociais de protagonismo estudantil dos gestores que atuam nas escolas de ensino médio do Recife.

b) Simbolismos que envolvem o protagonismo estudantil

Entre os participantes da pesquisa identificamos posicionamentos sobre o protagonismo estudantil que abrangem desde a participação ativa dos estudantes na construção do ambiente escolar até a busca pela autonomia e desenvolvimento pessoal. A associação entre autonomia e protagonismo foi destacada por seis gestores. Em suas falas os termos autonomia, liderança iniciativa e proatividade foram recorrentes. Afirmou um dos participantes:

Protagonismo juvenil significa você dar oportunidade ao jovem, que está no ensino médio de que ele possa demonstrar o seu talento, as suas qualidades, que a escola ajude ele a desenvolver, e a partir daí isso seria o início para que ele possa não só colher os frutos desse trabalho, como também replicar, reproduzir isso dentro da escola [...] (G-6/ EREM).

Os sujeitos compartilham que protagonismo estudantil significa o aluno ser o sujeito do próprio desenvolvimento, comprometido com o respeito à diversidade no ambiente escolar. Os gestores enfatizam que nas escolas todos os estudantes são protagonistas. A fala de uma da participante destaca:

[...] deixamos bem claro para os meninos o fato de que todos são protagonistas, uma vez que eles estudam na escola, todos eles são protagonistas. Agora existe o quê? Um

grupo que é... escolhido, que são os protagonistas estudantis, são aqueles que fazem o trabalho de recepção, de acolhimento, tanto dos novatos como de acompanhamento desses novatos ao longo do ano (G-7/ ETE).

A autonomia foi outro termo presente nos depoimentos. Para os participantes, autonomia significa agir na hora da necessidade e ter iniciativa. Fizeram referência aos estudantes selecionados como protagonistas que desempenham papéis específicos nas escolas, como recepção e acolhimento dos novatos, bem como cumprem outras atividades de representatividade e comunicação nas instituições.

Alguns gestores, mesmo que reconheçam a importância de todos os estudantes serem protagonistas e não apenas os que possuem o título dado pela escola, apresentaram alguma contradição nesses depoimentos. “todos eles possam participar ativamente na construção do dia a dia deles, da... do convívio deles, do ambiente escolar deles.” (G-1/ EREM); “Protagonismo juvenil é uma forma de dar oportunidade a alunos que se destacam para atuar dentro da escola, conhecendo diversos segmentos dessa escola e favorecendo junto aos demais alunos no sentido de orientar e assumir posições na escola, partindo para o mercado” (G-4/ EREM).

Os resultados do material organizado nesta categoria refletem uma compreensão abrangente do protagonismo estudantil, que supera a simples participação e inclui características como autonomia, liderança, iniciativa, crítica e comprometimento com o coletivo escolar. Assim como Oliveira, Luis e Silva (2022) não identificamos entre gestores associações de protagonismo estudantil a participação em associações ou coletivos como grêmios, ações ou decisões coletivas e democráticas no interior das escolas. De certa forma, a ênfase no desenvolvimento de projetos de vida e autonomia dos estudantes presente nos depoimentos dos gestores, corrobora Zanbon e Santos (2019) que em análise documental do caráter democrático dos grêmios estudantis em escolas consideram essas práticas estão pautadas no neoliberalismo. Na visão do autor: [...] atuação dos estudantes nos grêmios estudantis, também, não está garantindo a representação de seus próprios interesses, uma vez que as ações pensadas pelos estudantes devem passar pelo crivo dos profissionais da escola, não sendo executadas, caso não haja a concordância daqueles (Zanbon e Santos 2019 p. 53).

Assim, ao apreendermos os conteúdos representacionais partilhados entre os gestores e conhecermos alguns dados que os situam socialmente, reafirmamos que referentes culturais, notadamente, da política educacional em vigor, orientam a classificação e qualificação do objeto representado, qual seja, o protagonismo estudantil.

Como já indicamos na metodologia, os gestores foram convidados a expressar, de forma sucinta, as três primeiras palavras que associavam ao protagonismo estudantil, e justificar a escolha. A intenção foi capturar simbolismos que envolvem o conceito.

Chegamos a um total de 30 palavras, sendo 24 delas diferentes, a saber: independência, escuta ativa, empoderamento, incentivo, participação, disciplina, autonomia, solidariedade, respeito, clubes, grêmios, liderança, atuação, desempenho, criatividade, aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a viver junto, atitude, liberdade, competência, liderança, colaboração, ajuda e compromisso.

A palavra “liderança” foi a mais escolhida pelos sujeitos e emerge como a mais relevante quando os gestores pensam no protagonismo estudantil. De acordo com os gestores, a liderança é um catalisador poderoso do sucesso escolar e pessoal. Eis o que disseram:

Liderança. Porque o estudante, ele se reconhece no processo, ele sabe que ele é um agente ativo, ele não só recebe, ele também emite, acho que quando ele percebe essa perspectiva da liderança, ele muda como pessoa. Muda como pessoa e agrega novos valores à sua formação. É o que eu sinto (G-1 /ETE)

Se ele tem liderança, o líder é diferente do chefe. Se ele tem liderança, ele tem um poder de conquista em cima dos demais. Então, mesmo aquele que não tem motivação, ele pode ser, por um líder motivado, ele pode ser instigado a uma atuação que ele acredita que não é capaz. O líder, ele tem em si esse...essa vontade, essa atuação de despertar no outro a vontade de seguir. (G-4/ EREM)

Liderança porque os meninos quando eles saem dos terceiros anos, da forma como eles saem, da forma que a gente recebe esses meninos, com o protagonismo juvenil, como eles conseguem partir para a liderança mesmo, esses meninos levam para a vida, vão para o superior, o mercado de trabalho. A gente observa bastante essa mudança perfil desses meninos. (G-3/EREFEM)

Conforme os participantes, a liderança provoca uma transformação significativa no estudante, agrega novos valores à formação. É uma qualidade capaz de despertar a vontade de prosseguir, uma habilidade que impacta positivamente as trajetórias futuras dos estudantes. Para além do ambiente educacional, a liderança modela a identidade e prepara esses jovens para enfrentar os desafios da vida.

A segunda palavra mais indicada foi “autonomia”, ela foi reconhecida por três gestores como a mais importante. Conforme justificaram, autonomia refere-se à capacidade de agir, de aproveitar as oportunidades que lhe são oferecidas, transformar. Afirmam: “autonomia, porque ele passa a construir e pensar algo pro seu futuro, sua vida.” (G-3/EREM); “acho que o protagonismo ele vai justamente nessa direção [...] como aquilo ali pode mudar a vida dele e a vida da comunidade em que ele está inserido. eu penso na autonomia. Poxa! eu vou fazer o que com aquilo que está me sendo oportunizado? Eu como agente o que é que eu posso fazer? Então nesse sentido, é a palavra que eu vejo, entendeu?” (G-5/EFEREM)

Por fim, a terceira palavra mais indicada e reconhecida como importante foi respeito. Disse um participante: “[...] porque, como a gente trabalha em um ambiente diversificado, tanto de comportamentos, quanto de orientações sexuais e nossa comunidade é bem diversificada o respeito, ele é fundamental” (G-7/ETE).

O respeito é apresentado como fundamental para a convivência, sugere a valorização da diversidade, assim como é considerado um pilar fundamental para a promoção do protagonismo estudantil, a convivência respeitosa cria uma base sólida para a participação ativa dos estudantes em um ambiente diversificado e inclusivo.

Os simbolismos capturados com as palavras indicadas confirmam representações sociais de protagonismo estudantil centralizadas em liderança, autonomia e respeito. Esses elementos se articulam e são fundamentais à formação dos estudantes preparando-os para desafios além do ambiente educacional. Os entrevistados enfatizam a importância dos estudantes perceberem como o conhecimento pode impactar suas vidas e de suas comunidades, destacando a autonomia como a capacidade de agir e transformar. O respeito também é crucial para a convivência no ambiente escolar e social. Os resultados indicam representações sociais de valorização da diversidade e colocam o respeito como uma condição indispensável para a participação ativa dos estudantes.

De acordo com Moscovici (2003) os processos que engendram representações sociais estão fincados na comunicação e nas práticas sociais. Como sofrem influência do contexto de produção, as representações sociais se diferenciam de um grupo para outro, dependendo do modo como ocorre o processo de difusão das informações sobre um objeto entre os diferentes segmentos culturais que compõem as sociedades. Assim, com a indicação dessas palavras, confirmamos que toda a simbologia que envolve o protagonismo estudantil entre gestores está diretamente alinhada às políticas de ensino médio locais e nacionais que se consolidaram no estado de Pernambuco desde 2008.

Considerações finais

Identificamos como elementos marcantes das representações sociais de protagonismo estudantil entre gestores de escolas de ensino médio: autonomia, liderança, iniciativa e participação.

O movimento de construção das representações sociais está interligado a diversos elementos, sejam eles informativos, ideológicos, crenças, opiniões, entre outros que sustentam o saber que Moscovici (2003) denomina de senso comum. Os resultados aqui expostos evidenciam a relação que os gestores estabelecem entre protagonismo estudantil e as políticas educacionais que regulam o ensino médio. Notamos que mesmo com algumas referências dos entrevistados à transformação, participação e empoderamento a ênfase no sujeito individual é predominante e a ideia de coletivo não ganha relevo nos dados analisados.

Sabemos que as representações sociais refletem a natureza das regras e das ligações sociais, portanto elas são prescritivas de comportamentos e de práticas, definem o que é lícito, tolerável ou inaceitável em dado contexto social, legitimando práticas. Desse modo, não identificamos entre gestores escolares questionamentos ou críticas ao conceito de protagonismo estudantil, mas um consenso favorável ao que preconizam as políticas de formação no contexto atual.

Os conhecimentos, vivências e interesses dos sujeitos implicam na maneira como cada um assimila as novas informações e experiências que a vida proporciona, levando-os à construção de diferentes práticas e representações. Assim, identificamos entre os gestores investigados que as representações sociais de protagonismo estudantil estão centradas em desempenho individual, intenção de formar líderes e desenvolvimento de competências. Ao se demarcar os elementos representacionais entre gestores escolares, esperamos ter suscitado reflexões acerca dos impactos das ações que regulam o ensino médio público no contexto atual.

Referências

ANJOS, D. P; dos. “Protagonismo juvenil e participação escolar: sob o olhar dos estudantes”. **Entramados**, Vol. 8, Nº9, jan- jun 2020

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2007

BOUTIN, A.C. B. D. **Dimensão política do grêmio estudantil nas produções científicas dos professores da rede Estadual De Ensino Do Paraná.** @rquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, 2021

BRASIL. **Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei Nº 11.494, de 20 de junho 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular:** educação é a base: ensino médio. Brasília, DF, 2018.

BULHÕES, L. F. et al. Formação de grêmios estudantis em escolas municipais: desafios e possibilidades. **Rev. Ciênc. Ext.** v.14, n.2, p.97-113, 2018

CUNHA, Djalma Ferreira da; ARAÚJO, Christiane Carla Silva Nunes Dias de. Educação integral em Pernambuco: impactos sociais na vida de jovens e adolescentes. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 3, 26 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/3/educacao-integral-em-pernambuco-impactos-sociais-na-vida-de-jovens-e-adolescentes>

DOMINGOS SOBRINHO, M. Habitus e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social.** 2 ed. Goiânia: AB, 2000. p. 117-159

DUTRA, P. F. V. **Educação Integral no Estado de Pernambuco:** uma política pública para o Ensino Médio. Recife: Editora UFPE, 2014.

GONZÁLEZ, J. L. C; MOURA, M.R.L. Protagonismo Juvenil e Grêmio Estudantil: a produção do indivíduo resiliente. **EccoS**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 375-392, jul./dez. 2009

JODELET, D. **As representações sociais.** Rio de Janeiro: UERJ. 2001.

MARTINS, F.A.S; DAYRELL, J. Juventude e Participação: o grêmio estudantil como espaço educativo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1267-1282, out./dez. 2013

MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes. 2003.

MOURA, C. Grêmio estudantil e o cotidiano da escola: o jogo político escolar em um estudo de caso. **Periferia**, vol. 5, núm. 2, julio-diciembre, 2013, pp. 95-112

OLIVEIRA R.G; LUIZ, M. C; SILVA C. P. Participação e protagonismo juvenil na perspectiva dos Grêmios Estudantis **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 1415-1431, jul./set. 2022

OLIVEIRA, C. P de; BORGES, T. L dos S. Grêmios estudantis: a construção de espaços políticos no ambiente escolar. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v.10, n.1, p.170-177, 2018.

PERNAMBUCO. Lei complementar 125, de 10 de julho de 2008. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco – Poder Executivo**, Pernambuco, PE, 11 jul. 2008. p.3. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=5148&tipo=TEXTUALIZADO>. Acesso em 24 de mar. 2023.

SANTOS, A. I. dos; CERVI, G. M. Grêmios estudantis e rotinas e agenciamentos binários: capturas curriculares na contemporaneidade. **Educação Unisinos** v.24, 2020. doi: 10.4013/edu.2020.241.17

SILVA, A. V; SANTOS, V. A. da S. O Grêmios Estudantis e a Gestão Democrática: um estudo de caso no Município de Messias-Alagoas. **Jornal de Políticas Educacionais**. V. 13, n. 16. maio de 2019.

SILVA, C. P. ZUIN, A. A. S. Protagonismo juvenil: emancipação e resistência sob a ótica da experiência formativa com os grêmios estudantis. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 13, n. 02 p. 372 - 382 abr./jun. 2015

SILVA, R. D. A questão do protagonismo juvenil no Ensino Médio brasileiro: uma crítica curricular **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.31, n.118, p. 1-22, jan./mar. 2023.

SOARES, J. G. P; J; BELIEIRO JUNIOR, J. C. M. Organização e dinâmica da mobilização e participação política: os grêmios estudantis das escolas públicas e privadas de Santa Maria-RS. **Revista Argumentos**. v.17 v. 1 jan-jun/2020.

SOUZA, R. **O discurso do protagonismo juvenil**. SP: Paulus, 2008.

VOLKWEISS, A. et al Protagonismo e participação do estudante: desafios e possibilidades. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan-jun. 2019

ZAMBON; G. F. de O; SANTOS, L. B. dos S. O Funcionamento dos grêmios estudantis e a gestão democrática das escolas: possíveis relações. **Revista Triângulo**. v. 12 n. 3: set / dez 2019.